

O Chão que pisamos

PISAMOS laços, liras, lagartos, gregas, brincos, aranhas, candeeiros, caravelas, florões, leques, coroas, arcos de moca, estrelas de triângulo curvo, archotes, etc, etc... e muito MAR LARGO.

MAR LARGO que está representado em muitas zonas do nosso país, como homenagem aos descobrimentos.

A Calçada Portuguesa apareceu em Lisboa na época dos descobrimentos, com influência do mosaico romano. No entanto a herança deste legado foi aplicado de modo diferente. Fora de Portugal o mosaico romano foi reproduzido à letra: os estabelecimentos públicos e os pavimentos dos edifícios a nível do rés-do-chão foram pavimentados empregando quadrados de pedra com 1 cm de lado do tipo mosaico "bizantino".

Em Portugal, a pedra era "aparelhada" ou seja a pedra era partida de forma desigual e o chão era composto como se fosse um "puzzle", onde os desenhos a preto e branco se encaixavam, formando um todo muito uniforme onde as juntas eram mínimas, mas que proporcionavam um bom escoamento das águas.

O nosso empedrado trouxe muitas inovações, sendo a maior sem dúvida o facto de ter saído para as ruas, não se limitando ao interior das residências.

Os primeiros trabalhos, tal como os conhecemos hoje, datam de 1842 e surgiram com a necessidade de ocupar os prisioneiros acorrentados de então – chamados grillhetes.

O Tenente General Eusébio Furtado, então governador de Armas do Castelo de S. Jorge e responsável por estes homens, mandou empedrar a Parada do Quartel de Caçadores 5.

Estes homens trabalhavam com um baixo salário e apesar das imperfeições o seu trabalho foi reconhecido, pois passaram a empedrar o Rossio (Praça D. Pedro V), em 1848 – obra que vieram a acabar em 1849. Esta praça teve o merecido revestimento, o conhecido "MAR LARGO".

Com este tipo de tratamento de chão, evitavam-se as poças de água no Inverno e a poeira no Verão. Assim, a calçada portuguesa foi-se aperfeiçoando, tornando-se num magnífico bordado que embeleza as nossas praças, ruas, passeios, pátios interiores e, mais recentemente, o chão de modernos centros comerciais e cais do metropolitano.

A Câmara Municipal de Lisboa tem sido a principal impulsionadora na preservação e construção da calçada portuguesa criando, em 1986, a Escola de Calceteiros.

A calçada mosaico tem vindo ao longo do tempo a acompanhar as linhas mais modernas, assim como os temas mais actuais. Para tal têm sido convidados artistas plásticos para estudarem os respectivos enquadramentos. Simultaneamente os nossos grandes mestres calceteiros têm sido convidados

por diversos países a ensinarem e acompanharem trabalhos nesta nobre arte, espalhando pelo mundo um trabalho bem português.

Apesar dos "apoios" e perfeição que este trabalho implica, o comum do cidadão não repara na beleza que pisa. Assim, são os turistas e jornalistas estrangeiros que divulgam o que de belo existe, ao mesmo tempo com um certo desalento, motivado pela indiferença demonstrada por nós. Os títulos que se seguem são exemplo disso:

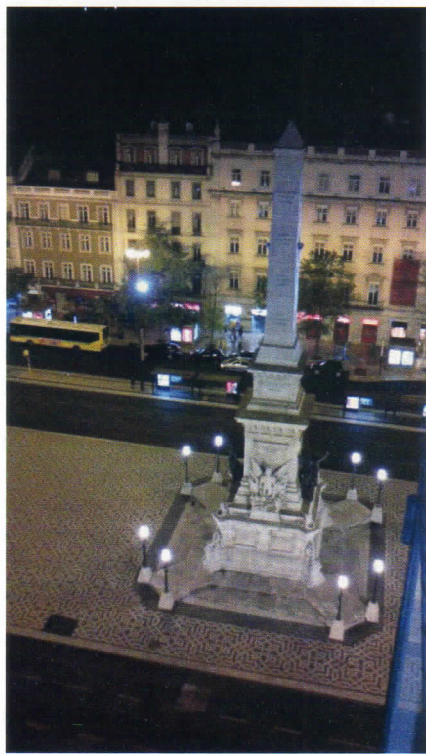
"OLHAI O CHÃO QUE PISAM"

"DEBAIXO DOS NOSSOS PÉS VIVEM AS PEDRAS"

"CALÇADA ESPEZINHADA".

Quem mais sente o desconforto e pouco apreço por este duro trabalho são os calceteiros que ficam horas a fio acorados e debruçados dando forma aos desenhos. O calceteiro António Mateus Marques, conhecido por "Tony", autor destes versos, assim o traduz:

Lembrai-vos desta arte,
Penso que tem defesa !
Aparece em toda a parte,
Pois ela é bem Portuguesa.



Texto de Aldina Santana Graça e Fotos de Cidália Rosa